



O funcionário da Funai entre índios corubos durante um encontro amistoso na aldeia

SERTANISTA MORTO

Corpo foi levado para Altamira

O corpo do auxiliar de sertanista da Fundação Nacional do Índio (Funai), Raimundo Batista Magalhães, morto num ataque dos índios Corubos, na sexta-feira, foi transportado, ontem, para Altamira (PA), onde mora a maioria dos seus parentes, e onde ele nasceu. O enterro está previsto para este domingo, segundo apurou A CRÍTICA.

Raimundo foi atacado com pancadas na cabeça, numa área da confluência dos rios Itaquá e do rio Ituí, afluentes do Rio Javari, que marca a divisa do Brasil com o Peru. Os Corubos aparecem sempre na margem esquerda do rio Ituí. Os índios estavam fazendo contatos havia dois dias. O sertanista tentou se aproximar mais uma vez, acompanhado de um outro funcionário, que conseguiu fugir do ataque. Até ontem não havia informações oficiais da Funai sobre o incidente.

O sertanista Sidney Possuelo, chefe da equipe que faz os contatos com os Corubos, esteve ontem em Tabatinga e acompanhou o corpo de seu auxiliar até Altamira. Ele tentaria voltar ainda ontem para o município de Atalaia, a 60 quilômetros onde Raimundo foi morto. As informações foram dadas, ontem, pelo padre Joseney Lira do Nascimento, coordenador da Pastoral Indigenista do Alto Solimões, em Tabatinga.

A morte do sertanista Raimundo Batista Magalhães, morto pelos índios Corubos do Vale do Rio Javari, às 9 horas de anteontem, está sendo considerada pelos colegas como uma surpresa, já que o auxiliar era o mais experiente da equipe. Foi ele um dos responsáveis pelos primeiros contatos com os índios Araras, na Região Centro Oeste.

O coordenador da Pastoral Indigenista do Alto Solimões disse que na sexta-feira à noite velou o corpo do sertanista no necrotério de Tabatinga. Segundo ele, as informações eram extra-oficiais e davam conta de que Joseney teria tentado um novo contato com os Corubos acompanhado apenas de um outro colega, cujo nome não soube dizer.

Os Corubos atacaram o sertanista a bordunadas. "O corpo estava sangrando muito na altura dos ouvidos e havia hematomas nas mãos", descreveu o padre, ao



O auxiliar de enfermagem Antônio Oliveira entre índios corubos

apontar que os colegas de Raimundo ainda chegaram a tempo de impedir que os índios quebrassem todo o corpo de Raimundo, como é comum em seus ataques e como já aconteceu outras vezes, na mesma região.

Os sertanistas da Funai estavam na área dos Corubos há oito meses e o nível de relacionamento

com os índios já era considerado bastante adiantado. Ontem, ninguém sabia, ainda, explicar os motivos que levaram à morte do auxiliar de sertanista. Toda a área onde os Corubos foram vistos foi interditada a pedido do sertanista Sidney Possuelo, exatamente para evitar conflitos entre os índios e os caboclos daquela região.

Madeireiros provocam reações

A morte do auxiliar de sertanista Raimundo Batista Magalhães pelos índios Corubos, no rio Ituí (Vale do Javari), pode ter sido provocada por excesso de otimismo dos funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai) instalados na área de atração. "O otimismo provoca descuido na segurança", disse o ex-administrador da Funai em Atalaia do Norte João Melo.

O episódio, para Melo, exibe o grau de desprezo de um projeto que até pouco tempo tinha 15 pessoas nos postos de vigilância da área contra a invasão de madeireiros às terras dos índios e que hoje são apenas oito. Os ataques dos índios, segundo ele, sempre são realmente uma incógnita porque eles ainda estão nos primeiros contatos. Mas adverte: "A retirada do pessoal, por falta de recursos, favorece a entrada dos madeireiros". Ele disse que a morte de Magalhães é emblemática: "Com ele morre também uma parte do ideal indigenista".

O auxiliar de enfermagem Antônio de Oliveira Souza, 39, descreve os índios Corubos como "pessoas dóceis e felizes". Ele fez um contato acidental com os Corubos em fevereiro deste ano, quando navegava com uma equipe da Funai pelo rio Ituí. "É surpresa que eles tenham atacado um funcionário da Funai", disse. Souza, há dois anos trabalhando em comunidades indígenas do Vale do Javari, também aponta a redução da infra-estrutura dos postos de vigilância.

Durante o contato, Souza assistiu a um índio que estava com o pé cortado por toco de pau. Eram 15 pessoas entre mulheres e crianças. "Eles disseram que estavam caçando", disse Souza, que fala matis (tronco linguístico pano), língua aproximada dos Corubos.